

APRESENTAÇÃO

A Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (Ensp/Fiocruz) completa 50 anos. O que nos leva a celebrar esse marco cronológico, como todos um tanto arbitrário, na história de uma instituição? Certamente, razões diferentes fazem com que nos unamos hoje. Para os atores que construíram a organização em seu cotidiano, sentimentos de orgulho e de ‘fazer parte’ do que está sendo narrado dão a marca da vivência e da afetividade. Para os pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz (COC), desafiados a refletir sobre documentos variados e narrativas pessoais, descobre-se, além do esforço de sistematização e análise, um caminho de auto-reflexão sobre nossa identidade e inscrição institucional, pois também a história da COC se confunde com o alargamento da concepção sobre saúde que teve na Ensp um dos atores institucionais privilegiados. Portanto, ao aceitarmos tal desafio, sabíamos que não se tratava simplesmente de contribuir com a tentativa de reconstituição histórica, protegida das dimensões afetivas que caracterizam a memória, o que seria, além de impossível, equivocado como atitude metodológica. Éramos também, de certo modo, parte do objeto sobre o qual nos debruçávamos.

Mas retomemos a pergunta: o que nos faz comemorar o aniversário de instituições? Há 20 anos, o historiador inglês Eric Hobsbawm tentou respondê-la em conferência na Universidade da Califórnia, por ocasião do 75º aniversário daquela instituição, desenvolvendo instigante argumento sobre o papel da história nas sociedades contemporâneas. Entre outras contribuições desse texto, destacamos uma frase aparentemente singela, mas plena de significados: “Necessitamos e utilizamos a história mesmo quando não sabemos por quê”.

Hobsbawm realizou interessante reflexão sobre a natureza histórico-cultural das comemorações, observando o quanto elas diferem, pois, nas sociedades tradicionais, as relações entre passado, presente e futuro

apresentam significados distintos dos que predominam hoje e caracterizam, em sua forma de representar, o tempo pela busca de modelos e ensinamentos nos momentos pretéritos: “uma utopia com sabor de nostalgia”. Esta concepção ainda é bastante freqüente e, como a história recente de movimentos sociais e políticos o demonstra, encontra-se na origem de outro interessante fenômeno observado pelo historiador: a invenção das tradições. Tal concepção, com os possíveis riscos de tradicionalismo, convive com outros, entre elas a de um modelo de cientificismo que negligencia a experiência histórica. Por outro lado, de que modo é possível estabelecer um lugar para a história em sociedades caracterizadas por transformações rápidas, profundas, radicais e contínuas como as que ocorreram nas sociedades ocidentais a partir do final do século XVIII e, especialmente, a partir da metade do XX? Por fim, defende o historiador a combinação entre experiência e perspectiva históricas, esta última definida como o inventário de possibilidades e rumos alternativos no passado, presente e futuro.

Em instituições de pesquisa, ensino e ações de atenção à saúde como a Ensp, nas quais os modelos de cientificidade e a ênfase em temas como inovação parecem deslocar a experiência e a perspectiva históricas para o espaço restrito das comemorações oficiais, tornar estes 50 anos um momento de reflexão é algo da maior importância, quando se está diante de tratar também dos rumos futuros da instituição, em suma, de seu projeto. Para responder a tal desafio, nos propomos a tarefa de publicar este livro, organizado em duas partes. Na primeira, apresentamos um texto narrativo sucinto sobre a Ensp, desde a sua criação até os anos recentes, usando como fio condutor a idéia da presença de várias escolas/gerações que foram conformando a identidade institucional. O pluralismo institucional e o de perspectivas do conhecimento sobressaem como temas centrais. Recorremos a documentos que compõem hoje o Fundo Ensp, sob guarda da Casa de Oswaldo Cruz e cujo catálogo estará brevemente acessível ao público como parte das atividades comemorativas dos 50 anos.

O registro de depoimentos orais se constituiu em fonte imprescindível para esta a primeira aproximação com o nosso objeto. Na seleção dos depoentes, privilegiamos os atores que tiveram papel de destaque nos primeiros tempos e os que participaram da direção da Escola no em período mais recente. Certamente, pode-se dizer que esta escolha imprime um viés oficialista, dificultando uma reconstituição exaustiva de projetos e concepções, por vezes em disputa, ao longo desses cinquenta 50 anos. Mas nossa opção foi tratar das grandes diretrizes e linhas imprimidas pelas sucessivas direções da Ensp, o que, se obviamente não esgota o tema,

permite uma sistematização das macropolíticas institucionais. A expectativa é que este nosso esforço inicial tenha continuidade, sob a forma de um programa mais extenso de história oral e de recuperação e sistematização de informações encontradas na documentação escrita e iconográfica.

Na primeira parte do livro, buscamos combinar dois planos de análise, situando a experiência da Ensp em sua relação com processos históricos mais amplos e com as idéias e programas que foram sendo edificados no interior da instituição. A tentativa foi a de escapar a uma visão simplificada de contexto, enfatizando uma relação de mão dupla entre condicionamentos externos e iniciativas que surgiram na instituição, muitas delas com grande potencial de inovação.

Lidamos com algumas versões já cristalizadas sobre a trajetória institucional, e uma das contribuições deste esforço, ainda bastante preliminar, foi a descoberta de novos ângulos e mesmo informações que, eventualmente, permitam rever interpretações e até mesmo identificar semelhanças onde se percebem rupturas em relação aos primeiros tempos da instituição. Além disso, foi possível recuperar a gênese de algumas idéias que só puderam ser implementadas no período atual, o que não implica conceber a história da instituição como processo linear, mas observar as complexas relações entre idéias e práticas. É interessante ressaltar que resultados similares são encontrados em estudos sobre história de instituições que adotam perspectiva de análise em que se privilegiam o processo e a complexidade das interações sociais.

No que se refere à saúde pública, os estudos sobre sua institucionalização em diferentes contextos nacionais – nos quais se inclui, como fator essencial, a formação de recursos humanos – vêm contribuindo para uma visão mais rica sobre a construção desse campo de conhecimentos e de práticas.

A seguir, publicamos documento inédito de importante valor histórico: trecho de entrevista de Ernani Braga concedida a Sergio Arouca, Luiz Fernando Ferreira, Mabel Imbassahy e Lisabel Klein. A entrevista foi feita quando a Casa de Oswaldo Cruz era ainda um projeto, idealizado por Sergio Arouca, Luiz Fernando Ferreira e Arlindo Fábio Gómez de Sousa.

A segunda parte do livro desta obra contém artigos sobre temas relevantes para o entendimento da história da Ensp e de seu papel na saúde pública contemporânea. O primeiro artigo, de Luiz Fernando Ferreira, pesquisador emérito e responsável por importantes iniciativas relacionadas à ampliação e ao aprofundamento da missão institucional da Ensp, aborda, com a acuidade e gosto pela narrativa de cunho pessoal característicos

do autor, os primeiros tempos e a contribuição de Edmar Terra Blois e Sávio Antunes.

Combinando análise e defesa de uma posição sobre o projeto Ensp, segue-se o texto de Tânia Celeste Nunes, que, já em sua tese de doutoramento voltara-se para a história da instituição, sobretudo a partir da experiência dos cursos descentralizados na década de 1970.

A contribuição dessa instituição para o periodismo científico e a difusão de textos de pesquisadores da Fiocruz e de outras instituições da área de saúde coletiva é analisada no artigo de Carlos Coimbra, editor dos *Cadernos de Saúde Pública*, Reinaldo Souza-Santos e Ricardo Ventura Santos, respectivamente editor-associado e membro do Conselho Editorial do periódico. Uma quarta contribuição é oferecida pelo artigo elaborado por André de Faria Pereira Neto, pesquisador da COC, em que se apresenta o estudo de perfil dos egressos da Ensp. Finalmente, o livro se encerra com a contribuição de Jorge Bermudez, atual diretor da Escola, que combina em seu texto uma análise sobre o papel da Ensp com um depoimento sobre sua vivência e trajetória nesse espaço da saúde pública.

Esperamos, ao reunir capítulos elaborados segundo perspectivas diversas – com inevitáveis mudanças de tom a alternar planos mais distanciados com da experiência cotidiana e da construção coletiva da Ensp com enfoques mais subjetivos, frutos da vivência dos atores que construíram parte significativa desta história – ampliar a compreensão sobre alguns processos e incentivar novas pesquisas e análises, sem que se perca, contudo, o encantamento.

Consideramos também que parte importante de nossa contribuição encontre-se em conferir significado e valorizar a expressividade de uma história junto aos que não freqüentam as salas de aula da Ensp, os pontos de encontro e sociabilidade, bem como aos que não compartilharam os momentos de unidade e de conflitos, que dão vida e sabor às histórias institucionais.

Valorizamos, desde o primeiro capítulo, a Ensp como projeto para a saúde, entendendo-a como algo que ultrapassou as fronteiras de Manguinhos e, mesmo – não seria ufanista afirmar – as fronteiras de uma saúde pública nacional, pois a Escola tem sido um celeiro de idéias, projetos e propostas de ampla repercussão, seja nos programas de cooperação, seja na presença de estudantes de vários continentes. Assim, muito mais do que poderia indicar o projeto de construção de uma ‘escola nacional’, trata-se de perseguir e implantar uma visão de saúde pública para a sociedade contemporânea. E esta é também a reflexão subjacente à elaboração deste livro.

Para viabilizarmos as entrevistas e outras etapas deste projeto editorial, contamos com o apoio inestimável de diversas pessoas. De forma especial, agradecemos a Maria Inês Rodrigues Fernandes Mendes e Eduardo Maranhão, da Ensp; a Rose Olyveira e Maria Rachel F. da Fonseca, da COC; a José Roberto Ferreira, da presidência da Fiocruz, e aos assistentes de pesquisa Cláudio Arcoverde e Monica Curcio de Souza.

Gostaríamos de registrar nossos agradecimentos a Aduino J. Gonçalves Araújo, Arlindo Fábio Gómez de Sousa, Eduardo Costa, Elsa Paim, Fernando Leitão, Hélio Uchôa, Lenita Vasconcelos, Luiz Fernando Ferreira, Maria do Carmo Leal, Paulo Buss e Szachwa Cynamon, que compreenderam a importância do projeto e nos concederam entrevistas fundamentais para a reconstituição desta história.

Os Organizadores

